

A POESIA "CARCAMANA" DE "JUÓ BANANERE"

Mario PIRES

São Paulo foi uma deliciosa cidade nos dois primeiros quartéis do século. Para nossas felizes lembranças, pudemos ser testemunhas de muito lirismo, tipos, lugares, ruas e recantos de nossa querida Paulicéia. Nos últimos anos do século passado, e até a década de 30, tornou-se o Brasil a "Meca" dos imigrantes de muitos países e nosso Estado recebeu portugueses, italianos e espanhóis em maior quantidade. Mas, foram os peninsulares os que mais se identificaram com a então provinciana "Paulicéia desvairada", de Mário de Andrade. Foram eles se radicando nos bairros do Brás, Bixiga, Bom Retiro e Barra Funda, quase todos residindo em antigos cortiços.

Dentre os escritores que melhor souberam recolher o folclore "carcamano", podemos citar o jovem Antônio de Alcântara Machado, o valeparaibano Alexandre Ribeiro Marcondes Machado e o chargista Lemmo Lemi, conhecido por "Voltolino".

Apaixonando-se pelo assunto, quando completou o curso de engenharia na consagrada Escola Politécnica de São Paulo, em 1917, Marcondes Machado, com o pseudônimo de "Juó Bananere" publicou o primeiro livro "Galabaro, livro de saneamento sucial". Mas, o que realmente marcou sucesso foi "La divina increnca", de 1924. Além disso, o escritor colaborou em "O Pirralho", "O Queixoso", "A Manha" e "Diário do Abaixo Piques".

Uma identidade conosco: nasceu em 11 de abril, também nossa data de nascimento. Só que muitas décadas antes, em 1892, falecendo aos 22 de agosto de 1933, quando fazíamos o primeiro ano ginásial na Escola Normal de Campinas, cidade onde "Juó Bananere" também morou por algum tempo.

A influência italiana na vida de São Paulo foi muito significativa, principalmente naqueles bairros, cujos moradores passaram a falar o dialeto "carcamano". Em nossa casa, os amigos de nossos pais eram, na maioria, também peninsulares. No Largo do Arouche, aonde íamos com os manos e

amiguinhos passar as tardes jogando a bola de meia, havia um "ponto" de carros de aluguel, e vários choferes eram também italianos. Dentre eles, lembramo-nos do Vicente Pagliari, que, de vez em quando, metia-se entre nós a jogar a pelota e gostava de cantar com voz de tenor. Na esquina com Vieira de Carvalho, um armazém de "secos e molhados", o Empório Montecatini", do Cesare Tomei. Um dos tipos mais populares, que caminhava pela nossa rua e pelos bairros do Bom Retiro, Santa Cecília e Campos Elíseos, com uma cesta, anunciando suas "batatassata ô forno". Como os moleques não lhe davam sossego, ele arremetia com as pernas, dando verdadeiros "coices", que, porém, não conseguiam atingir a criança.

À tardinha, lá descia a rua General Osório, onde residíamos, o velho acendedor dos lampiões a gás, o "seu" Caetano Labonia, que residia na Alameda Glette, em frente à estação dos bondes da "Light".

As amigas mais chegadas de nossa saudosa mãe, e muito alegres as irmãs Ida e Ebe, eram perfeitamente entendidas por ela e dialogavam no idioma de Dante. Quando a Ebe sumia nos fundos da casa, a Ida gritava:

- "Ebem dove sei?"

- "Sono qui", respondia imediatamente a irmã.

Voltando ao nosso "Juó Bananere", lembremos que o "Clube Araraquarense" e o antigo edifício "Xavantes", na rua Benjamin Constant, na Capital, têm um ponto que os liga a um rebento da fina e grossa flor cultural que nos tempos da "art nouveau" fez desfilar pelos salões chiques e botecos avacalhados a figura de um paulista exemplar, o Alexandre Ribeiro Marcondes Machado. Com ele nascia seu epônimo "Juó Bananere", candidato à "Gademia Baolista de Letras", jornalista e poeta. Logo figurava nas páginas de "O Malho", de Oswald de Andrade, que o lançou com ilustrações de Voltolino.

Engenheiro arquiteto, como lembramos, autor dos projetos daqueles mencionados prédios, natural de Pindamonhangaba, Marcondes Machado se tornaria pioneiro na definição de um personagem paulista em essência e aparência. Com humor característico, mistura de veia caipira com sabores italianos, que então dominavam as cenas das ruas de subir para os patamares quatrocentões e mais.

Otto Maria Carpeaux, um dos principais críticos literários do país, escreveu sobre ele na medida da boa avaliação, sem preconceitos.

Marcondes Machado era muito bem entendido, embora falasse língua própria. Um macarrônico engraçado que mata a gente de rir mesmo quando ignoramos quem são os alvos das sátiras. Ele faz graça com Dante e

com Camões no "Suneto crassico". Caçoa de Olavo Bilac, em sua "Ouvir estrelas", parodiando: "Como uvi strella": "Che scuitá strella, né meia strella". Dispensa careta e gesto; é humor verbal, sobretudo. Na clave política, Hermes da Fonseca era sempre prato de Juó Bananere: "O Hermeze tê xirigno/O ratto morto també/O Capitó tê caguira/O mio saló també".

Ao lado do criticismo galhofeiro e do acento humorístico que o liga a "Serafim Ponte Grande", de Oswald de Andrade, "Juó Bananere" representa um documento de uma São Paulo que desapareceu, como uma velha fotografia. Não só a capital, também o interior e a roça de Waldomiro Silveira e Cornélio Pires, com um jeito de ser próprio do velho Piques e das tardes do jogo de "boccia", modos de viola ao fundo. E o "seu" Genaro, que vê a bola se perder de encontro à tabela: "Porca madosca, vê si non isbaglia, ô". Concerto para viola caipira e violino, a ritmo de "pernacchia". Próprio de um Adoniran Barbosa.

Marcondes Machado foi dispensável na leitura das grandes obras, mas indispensável se quisermos entender como essas grandes obras foram possíveis. A criatura e o criador, enfim, fizeram época numa Paulicéia provinciana e eles permanecerão sempre na memória de São Paulo literário e artístico.